

:BLOCO DE NOTAS Alexandra Prado Coelho**■ REVOLTA POPULAR NAS FILIPINAS?**

Numa actualidade internacional dominada pelos conflitos no Médio Oriente, um país como as Filipinas é geralmente esquecido. Mas o *AsiaTimesOnline* fez uma enorme reportagem em cinco partes e cuja primeira dá imediatamente o tom com o título «The Sick Man of Ásia». O quadro que o jornalista Pepe Escobar traça das Filipinas é preocupante. O país enfrenta uma «crise fiscal abissal», escreve, sublinhando que vários economistas avisam que em breve poderá mergulhar numa crise semelhante à argentina.

Um dos problemas do país, muito católico, é a taxa de natalidade, que faz das Filipinas uma «bomba demográfica», sendo já o 12º país mais populoso do mundo (84 milhões de pessoas no final de 2004). Os cálculos apontam para que, com uma taxa de crescimento de 2,36%, em 2042 haja perto de 200 milhões de filipinos. E em 2003, de acordo com os dados do *AsiaTimes*, pelo menos 27 milhões, ou seja um terço da população, vivia com menos de um dólar por dia, sendo incapaz de suprir as suas necessidades básicas.

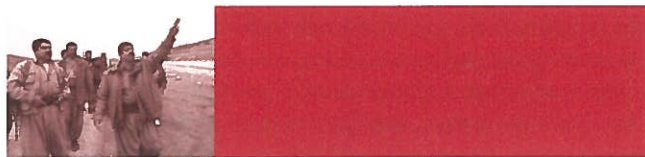
A incapacidade do regime da Presidente Gloria Arroyo de lidar com os imensos problemas do país, de atacar a corrupção, de inverter a tendência económica, etc., poderá, admite Pepe Escobar, provocar uma nova revolta popular nas Filipinas – «tendo em conta o desespero popular, esse cenário é muito possível nos próximos dois anos», alerta. ■

**■ PALESTINIANOS DEVEM REALIZAR ELEIÇÕES JÁ**

A realização de eleições é um passo essencial para tentar sair da crise em que se encontra a Autoridade Palestiniana e que, num recente relatório, o International Crisis Group descreve como «a mais grave desde que o processo de Oslo foi lançado, há 11 anos». O ICG não minimiza a importância dos factores externos – a repressão israelita, a indiferença da comunidade internacional –, mas diz claramente que «o caos não é apenas produto das políticas israelitas mas também das palestinianas».

«O sistema político está à beira da ruptura, paralisado e incapaz de tomar as mais básicas decisões quanto aos objectivos palestinianos», constata. E, refere ainda, «a crise é acima de tudo dentro do movimento dominante da Fatah». Para ultrapassar esta situação, a única saída são eleições para que os futuros líderes palestinianos passem a «gozar de legitimidade popular e a ter a capacidade de tomar decisões».

O ICG reconhece o argumento que, na actual situação, as eleições poderão levar ao reforço dos radicais do Hamas. Mas, perante isso, aconselha a comunidade internacional a «criar condições práticas e políticas que reforcem os pragmáticos entre os palestinianos». ■

**■ KIRKUK, UMA BOMBA-RELÓGIO NO IRAQUE**

Kirkuk, no Iraque, é uma bomba-relógio à espera de explodir. Um excelente artigo na *New Yorker* relata o ambiente na cidade onde a população curda começa agora a vingar-se das décadas da política de «arabização» de Saddam Hussein. «A paciência histórica dos curdos está a esgotar-se», escreve George Packer. E o perigo é que a coligação liderada pelos EUA no Iraque e o actual Governo estão a tentar adiar o assunto, que não ficou resolvido na Constituição interina assinada em Março. Perante isso, a estratégia curda é a de criar factos no terreno.

Desde a invasão do país, um número crescente de árabes tem sido expulso das suas casas ou impedido de regressar a elas. «A solução é as pessoas voltarem para o sítio de onde vieram», disse um turcomano ouvido pelo jornalista. «Antes de Saddam onde estavam estes árabes? É essa a solução. Queremos que as coisas voltem a ser como antes de Saddam». Mas entre o «antes» e o «agora», houve árabes que já nasceram em Kirkuk, que aí estabeleceram as suas vidas, os seus negócios, e que não querem abandonar a cidade. Só que, naquilo a que alguns chamam a «curdificação», as hipóteses de trabalho estão também a desaparecer para os árabes. O plano curdo é muito claro e passa por uma «limpeza étnica» de Kirkuk e a posterior integração da cidade na região autónoma do Curdistão. A tensão continua a subir. ■

■ REFORMAS SAUDITAS COMPROMETIDAS

Depois do grande susto provocado por vários atentados terroristas, os dirigentes sauditas decidiram lançar uma série de reformas que muitos, dentro e fora do país, consideram essenciais. Mas, depois de um ímpeto inicial que fez crescer a esperança de mudanças no reino, neste momento assiste-se a uma travagem. A leitura da situação é feita pelo correspondente do *Christian Science Monitor* na Arábia Saudita.

Fontes contactadas pelo jornal afirmam que a «guerra ao terrorismo» está neste momento nas mãos do Ministério do Interior, e para este o movimento reformista é tão assustador como os grupos terroristas. Por isso, as vozes de reformadores que no último ano tinham começado a conseguir fazer-se ouvir estão novamente a ser silenciadas. Esta mudança surgiu, segundo os observadores, devido por um lado à entrada de dinheiro numa altura em que o preço do petróleo continua a bater recordes e, por outro, a uma série de vitórias no terreno contra os islamistas, que permitiram ao regime respirar – e recuar nas reformas. ■